

SIMPOSIO INTERNACIONAL

EL ENSAYO

Hacia el bicentenario
de su aparición
en Hispanoamérica

ACTAS

**4, 5 y 6
de noviembre
de 2009**

**Mendoza
Argentina**

combinación modular de dibujos
precolombinos. Dibujo del encendido del fuego
sagrado. Cultura Ateca. Dibujo 1 código

 **CONICET**



**Facultad de Filosofía y Letras
Universidad Nacional de Cuyo**

Universidad Nacional de Cuyo.
Centro Universitario, Parque Gral. San Martín
Informes: cilha@logos.uncu.edu.ar

PRÓLOGO

El Centro Interdisciplinario de Literatura Hispanoamericana organizó en noviembre de 2009 un Simposio Internacional del Ensayo Hispanoamericano. Este evento se pensó en vísperas del Bicentenario de las Independencias Americanas. En el presente número de los Cuadernos del CILHA hemos decidido dar a conocer los trabajos presentados en dicho evento como Actas del Simposio. El anejo, que se incorpora por primera vez en nuestra publicación, recoge entonces las ponencias de unos 70 investigadores que abordaron temáticas referidas a la teoría del ensayo, crítica de autores y periodos y nuevas expresiones contemporáneas.

O labirinto da política *criolla*: nossas enfermidades e tratamentos segundo Carlos Bunge

Rodrigo MEDINA ZAGNI

Universidade de São Paulo (Brasil)

rodrigo.historia.usp@gmail.com

O argentino Carlos Octavio Bunge (Buenos Aires – 1875 -1918), filho de imigrantes luteranos alemães e pertencente à mais alta classe social argentina, cursou Direito na Universidade de Buenos Aires onde se graduou em 1897 com a tese: “El federalismo americano”.

Em 1901, já era professor adjunto de Introdução ao Direito (cátedra de seu orientador Jaime Agustin Garcia), no curso em que ainda lecionou a disciplina de Economia Política. Para a Faculdade de Filosofia e Letras, lecionou a disciplina de Educação e, na Universidade Nacional de La Plata, deu aulas de Sociologia Argentina.

Em 1904, participou do projeto do Código do Trabalho para o Congresso de La Nación, vindo a assessorar o governo argentino na área da Educação em diversas ocasiões.

Mas foi a literatura que mais o notabilizou.

De 1899 a 1934 escreveu 16 livros, a maior parte versando sobre os problemas da educação, sobre o direito e sobre os problemas políticos argentinos.

O conjunto é constituído por “El espíritu de la educación”, publicado em três tomos sob o nome “La educación” (1899); “Estudios Filosóficos” (1900); “Nota pedagógicas” (1902); “Nuestra América y Principios de psicología individual y social” (1903); “Viaje a través de la stirpe y otras narraciones” (1908); “Los envenenados” (1908); “La enseñanza nacional” (1908); “Nuestra Patria” (1910); “Historia del Derecho argentino” (1912); “El derecho, ensayo de una teoría integral” (1916); “La evolución del Derecho y de la política” (1918); “Estudios filosóficos” (1919); “La educación (Tratado general de pedagogía)” (1920); “Los envenenados” (1926); “Estudios pedagógicos” (1927); e “El Derecho: ensayo de una teoría integra” (1934).

Do conjunto, sem dúvida sua principal obra é “Nuestra América”, de 1903, o ensaio que alcançou maior difusão dentre suas publicações.

Nela, o objetivo de Bunge, definir quem somos, toma forma na dimensão da definição de nossos males. Segundo o autor, é um tratado de clínica social, dedicado ao estudo de uma enfermidade e à proposta de seu tratamento. Tem um sentido de auto-exame e de diagnóstico e, a título de apresentação da obra e do problema, convida o autor: “entremos sem medo... no labirinto grotesco e sangrento que se chama *política criolla*”¹.

O objeto da obra é a política dos povos hispanoamericanos e, para ele, a organização política de um povo é produto de sua psicologia, que por sua vez é composta por fatores étnicos aliados ao ambiente físico e econômico.

O método consiste em penetrar na psicologia coletiva que engendra a política hispanoamericana. Para isso, seria preciso analisar as raças que compõem o *criollo*, chegando a sua psicologia, resultado dos componentes étnicos: espanhóis, índios e negros; e também o meio geográfico, que determinou as próprias transformações pelas quais teriam passado as raças nas Américas.

Tomando como sujeitos o hispanoamericano e a política *criolla*, parte do problema consiste no diagnóstico das formas de governo em suas repúblicas, semelhantes em função do sistema republicano democrático representativo, tributário à Revolução Francesa, à filosofia política do neohumanismo do séc. XVIII e ao contratualismo rousseauiano.

Nisso consistiria a enfermidade: o curioso e típico sistema de governo denominado como política *criolla*, produto da psicologia hispanoamericana e não de sua realidade.

Os casos clínicos escolhidos para o estudo da enfermidade seriam os de Porfirio Díaz; Juan Manoel Rosas e Gabriel Garcia Moreno.

Quanto ao remédio anunciado, logo de início Bunge defendeu a difusão da ilustração na cultura geral; melhoraria da situação econômica e saneamento das condições de vida física, da educação à higiene.

O método de investigação psicológica², que segundo Bunge daria conta de diagnosticar todos os males da política *criolla*, estaria baseado no método indutivo-dedutivo (método físico ensinado por Stuart-Mill), que levaria às concordâncias.

O método está composto em duas partes: na primeira, seria preciso construir a generalização psicológica induzindo-a a muitas e variadas premissas (indução); na segunda, seria preciso verificar se a generalização se enquadraria na sociedade estudada (dedução).

1 BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América*. Ensayo de Psicología Social. 7ª Ed. Madrid: ESPASA CALPE, 1926, p. 241.

2 Descrito in: *Ibid.* pp. 57-60.

O conceito de generalização psicológica consistiria em generalizar as psiques coletivas de uma nacionalidade, ou de um sentimento social, o que poderia ser feito na fase da indução.

Na dedução, este sentimento social seria aplicado à etnografia, história, política, artes e ciências, para ver se haveria “sintomas sujos”; havendo, a indução seria certa; se não houvesse, seria incerta.

O objetivo final seria a síntese; mas, nestes termos, sintetizar sem falsear.

O ensaio está dividido em cinco livros: o primeiro, “Los españoles”, trata da psicologia do povo espanhol e propõe uma teoria científica baseada na configuração geográfica da península ibérica e nas diversas origens étnicas de seus habitantes; o livro dois, “Indios, negros y mestizos”, discorre sobre seus traços psicológicos; o livro três, “Los hispanoamericanos”, estuda as qualidades principais reunidas nos livros anteriores, buscando a psicologia geral do *criollo*; o livro quatro, “Política hispanoamericana”, estuda o sistema de governo clássico e tipicamente *criollo*; e, por fim, o livro cinco, “Políticos hispanoamericanos”, estuda os casos de Rosas, Díaz e Moreno.

O livro um, “Los españoles”³, nos dá uma síntese sobre a evolução da psicologia espanhola. Nele, o traço psicológico característico do povo espanhol é a arrogância, que possui origens geográficas e formas primitivas na heroidade e no localismo; formas clássicas no estoicismo e no efetismo literário; formas medievais nos valores cavaleirosos, no catolicismo, na teologia, no direito e nos romances de cavalaria; e formas modernas no despotismo religioso, na uniformidade pela força e na depreciação do trabalho.

Haveria 12 formas de arrogância na psicologia espanhola: uma arrogância primitiva (meramente geográfica); arrogância latinizada (a imagem de Sêneca falando de sua preguiça em meio aos seus jardins na corte de Nero); arrogância bárbara (Cid com o braço lavado de sangue mouro); arrogância anárquica (Pedro o Cruel, após assassinar seu irmão Don Fradique, sendo assassinado por seu outro irmão Don Enrique); arrogância cavaleirosa (Guzmán, o bom, atirando antes de se render aos sitiadores de sua cidade para evitar a morte dos filhos seqüestrados); arrogância aquisitiva, aventureira (Hernán Cortez entrando no México); arrogância do despotismo religioso e político (Padilha subindo ao cadalso); arrogância disciplinada (sob os áustrias); arrogância dogmática (Raimundo Lúlio, quando forma uma milícia de teólogos que, por meio da dialética, se dedicam a converter muçulmanos, até ser dilapidado); arrogância feroz (um auto de fé diante da corte de Hedrizado); arrogância mendicante (o mendigo que devolve a esmola dada em retribuição ao fato de ter apontado um caminho, para não ser confundido com um trabalhador servil); e a arrogância vencida (Don Quixote passando sobre o Rocinante).

Para Bunge, a arrogância cavaleirosa, em toda a Europa, teve origem bárbara: seria contrária ao espírito cristão e aos princípios de igualdade, humildade e caridade. Isso porque a Espanha resistiu mais que a Alemanha no processo de desbarbarização dos bárbaros, processo denominado latiniafricanização da Espanha. A teologização e a universalização do povo espanhol se deram ao término do processo de latinarabização, sob os Áustrias (Habsburgos).

A arrogância espanhola, de princípio individualista, impregnaria o próprio regime republicano (isso seria devido à origem do povo hispânico, saxão ou alemão). Ocorre que as individualidades teriam sido “aplanadas” pela Inquisição que universalizou as crenças e individualidades, o que levou à divisão dos homens e das coisas na Espanha contemporânea em dois tipos claros e equidistantes: bem e mal.

O que caracterizaria o bem seria a originalidade, a liberdade, a força, a vitória e o progresso (a alegoria escolhida por Bunge foi o bando de Ormuz, portadores da luz). O mal, seria caracterizado pela opressão, decadência, pobreza e derrota (Arimán de Tieneblas; o espírito latino e árabe; o próprio Don Quixote).

O resultado do enfrentamento entre bem e mal na Espanha teria levado à vitória do mal. Nas letras, expressão mais exata da realidade para o autor, esta vitória seria perceptível sob Torquemada e sob os Áustrias.

A Essência da sociedade moderna espanhola seria a consolidação do despotismo político e religioso, consequência fisiológica da arrogância espanhola na modernidade, que teria levado, por sua vez, a uma degeneração coletiva do corpo de sua sociedade.

O problema então consistiria na contraposição entre degeneração coletiva e a felicidade geral, esta impossibilitada por aquela; o que levaria às formas decadentes da arrogância espanhola: a preguiça e a ferocidade.

As formas degeneradas de arrogância: brigas, fanfarronice, chingamentos, maledicências, loucura; apareceriam na literatura e no espírito do idioma espanhol, e seu conceito penetraria não só na literatura mas nas tradições populares.

Esta teria sido a herança recebida pelos *criollos*: o sentimento de arrogância advindo pela própria influência da metrópole no período colonial.

No livro dois, “Indios, negros y mestizos”, os elementos constitutivos da sociologia e da psicologia dos hispanoamericanos seriam portadores de complicações. Os problemas seriam os fatores étnicos, a mestiçagem e o hibridismo; a partir de três vertentes étnicas principais: europeus, índios e negros.

Qualquer tentativa de diagnóstico deveria passar portanto pela antiguidade e origem das raças e, a partir dela, Bunge teria chegado aos traços típicos comuns da psicologia do índio americano: o fatalismo e a vingança. Tudo isso complicado pela abundância do elemento étnico africano em ambas as Américas.

No final de seu diagnóstico, as características gerais dos mestiços hispanoamericanos seriam: a inarmonia psicológica, a semiesterilidade e a falta de sentido moral, por conta da psicologia moral do mulato e do mestiço índio.

O remédio deveria passar pela superação natural da pluralidade étnica (o problema), que encontraria sua solução natural na tendência à homogeneização: o natural desaparecimento das características “exóticas”. O contexto para ele, portanto, era o de “luta de raças” na Argentina.

No livro três, “Los hispanoamericanos”, a constituição étnica do *criollo* aparece dotada de complexidade. Três qualidades psicológicas a caracterizariam: a preguiça, a tristeza e a arrogância.

A preguiça, universalizada, seria perceptível até mesmo na literatura e, sobre ela, Bunge categorizou suas formas: perigosa no desrespeito à lei, na inveja, nas sofisticadas literárias e no napoleonismo; e livre na arrogância literária, no culto de valores e no donjuanismo.

A preguiça *criolla* teria supremacia sobre a tristeza e a arrogância, levando à própria constituição da arrogância *criolla*, com base no orgulho e na preguiça.

Teria a preguiça conseqüências transcendentais por ter moldado o caráter argentino numa espécie de preguiça coletiva, partilhando aí o problema do hispanoamericano em geral.

Investigando o problema do hispanoamericano⁴, Bunge afirmou ter diagnosticado que a condição de preguiça gravitaria entre inconsciência e consciência, em duas fases: uma fase fisiológica, inconsciente involuntária, que caracterizaria a preguiça-depressão; e uma fase econômica, consciente voluntária, constitutiva da preguiça-hábito.

Haveria cura?

Para Bunge, o problema hispanoamericano seria escolástico: o livre arbítrio. Isso faz com que o problema pareça irresolúvel, pois não haveria liberdade plena.

Contudo, haveria possibilidades positivas no “realismo ingênuo”, interior, caracterizado por uma vontade de querer melhorar, tanto nos mediocres quanto nos grandes homens.

Como melhorar então? Como e para onde guiar os hispanoamericanos?

A resposta de Bunge foi o trabalho.

Até mesmo o indolente, assim como o enfermo, pode chegar à saúde por meio de um tratamento, pode o hispanoamericano ascender ao valor do trabalho e melhorar, a partir de uma acertada terapêutica.

Haveria portanto uma terapêutica para o indolente: esforçar seu ânimo para exercitar suas atividades de forma útil. Utilidade pressupõe aqui a produção e a manutenção das riquezas naturais de seus domínios; riqueza esta que seria o primeiro índice de civilização.

Sistematizando os argumentos de Bunge, o resultado é claro: a civilização, que é denotada pela riqueza, é fruto do trabalho, que é natural nos climas frios. Pela contraposição, a axiologia de Bunge é igualmente clara: em climas quentes, no calor, a propensão seria para a indolência, que levaria à pobreza que denotaria não a civilização, mas a barbárie.

Haveria cura?

Não se pode mudar nem o clima nem o sangue de uma raça! Ainda mais na hispanoamérica, onde há muitas raças e muitos climas, quase todos quentes.

Mas sim, para Bunge haveria cura!

O remédio para nossa calamidade, segundo ele, seria a cultura, ou seja, alcançar a mais alta cultura dos povos europeus.

Como? Por meio do trabalho; entendido aqui como as atividades empreendidas na terra, escola, imprensa, opinião, arte, agricultura, pastoreio, indústria, letras e ciências.

O problema da imobilidade do sangue, do clima e da história teria uma solução: europeizar nossas idéias, sentimentos e paixões, buscando nos escolásticos que engendraram o Renascimento o caminho para a saúde.

“Civilizemo-nos pelo trabalho”⁵.

Mas não serviria qualquer definição de trabalho, tratava-se do trabalho eficaz, que não pressupõe uma divisão social do trabalho, mas uma divisão orgânica, pautada pela modéstia, cultivando seu estímulo por meio da “alegria”. Luta de classes, nestes termos, seria uma impossibilidade.

Estaria dada a fórmula de regeneração para o espírito/corpo doente: a cultura pelo trabalho, a divisão do trabalho pela modéstia, o estímulo do trabalho pela alegria. Com isso, alcançaríamos o estágio civilizacional europeu: a civilização universal.

Mas não deveríamos nos indignar com isso. Não se trata de violentar o nosso caráter, pois para Bunge nada fizemos ou nada de eficiente produzimos, logo, não temos caráter! “O caráter do hispanoamericano é não ter caráter!”⁶

Seria preciso inventá-lo, improvisá-lo, imitar, forjar.

“Adelante! El tiempo no espera”⁷.

4 Ibid. pp. 230-235.

5 Ibid. p. 232.

6 Ibid.

7 Ibid.

No quarto livro, "Política hispanoamericana", o caudilhismo é associado a sua origem consuetudinária na cacicabilidade hispanoamericana e, como componente fundamental da política *criolla*, o caudilhismo teria como base a preguiça coletiva.

A base do direito humano do caudilho, Bunge apontou ser a irresponsabilidade, esta estendida aos partidos e políticas *criollas*.

A proposta de terapêutica de Bunge para essa política⁸ foi o tratamento geral do estado psicológico e sociológico produzido pela inércia: a cultura pelo trabalho.

Mas para isso haveria problemas.

Um problema teórico: o jacobinismo agudo. Para Bunge a política hispanoamericana estaria pautada em falsas ou incompletas aplicações do princípio democrático-representativo da Revolução Francesa. Para esse problema haveria um remédio também teórico: o estudo positivo (!) da história, política, economia e sociologia. Para ele, as mudanças violentas seriam prejudiciais e contraproducentes; as anomalias constitucionais deveriam conservar-se caso fossem úteis e um parlamento não deveria construir "bonitos sistemas simétricos", pois as diferenças seriam, antes de tudo, biológicas.

Seria preciso curar o *criollo* de sua "Parlamentaritis", "horrída peste mental", crônica e aguda, histérica paixão por discursos quilométricos e sintoma de egolatria. Para ele, os políticos *criollos* seriam "lúcidos papagaios", para os quais o remédio seria o trabalho e não as palavras⁹.

Tratar-se-ia, nos seus dizeres, de uma reação contra a política romântica, a qual pressupõe um remédio prático: aplicar os estudos positivos.

As classes cultas deveriam sair do ócio político e lutar contra o "caudilhismo ignorante e mal intencionado", promovendo a difusão da cultura, não com palavras mas com projetos e construções universais. Por exemplo: ao invés de reformar planos de ensino, reformar as escolas. Tratar-se-ia de administrar e não politizar, evolucionar e não revolucionar, reação e não ação, para o reacionário Bunge.

No quinto e último livro, "Políticos hispanoamericanos", como já dito, Bunge se dedicou ao estudo clínico dos casos de Juan Manoel Rosas, Governador da província de Buenos Aires; Gabriel García Morenos, presidente do Equador; e de Porfirio Díaz, presidente do México.

Bunge é, notadamente, uma referência do pensamento positivista cultivado, na região, no final do séc. XIX e primeira metade do XX. Trata-se de um positivismo sócio-darwiniano, num contexto em que o evolucionismo darwinista, no início do séc. XX, era, dentre as teorias biológicas, a que mais impacto e influência exercia sobre as ciências em geral.

Nestes termos, Bunge dava uma reinterpretação sociopolítica do evolucionismo clássico com uma funcionalidade clara: erigir um reforço ideológico das estruturas de poder que se opunham ao caudilhismo.

No campo teórico, sua obra é um exemplo significativo da penetração que explicações de corte biológico tiveram nas nascentes ciências sociais, dando-lhes um forte componente racialista.

No contexto da modernização e dos fluxos imigratórios na Argentina, parecia fazer sentido o engajamento de sua obra com valores conservadores. O comportamento das sociedades hispanoamericanas era assim explicado sob a ótica do darwinismo, de um biologismo aristocratizante, um organicismo social e um recurso direto ao racialismo.

Suas explicações harmonizavam a Teoria da Evolução com o organismo social, recorrendo a argumentos biológicos para explicar fenômenos sociais.

Em síntese, o enfoque psico-sociológico bungeano seria uma somatória do racialismo, do pessimismo gnoseológico, do etnopsicologismo e da convicção da inferioridade dos latino-americanos, com fortes pontos de contato com a literatura de sua época, como por exemplo o contemporâneo Sarmiento, em "Conflictos y armonías de las razas en América".

Junto dele, está colocado na tradição dos seguidores de Ernst Haeckel, que se tornaria sustentáculo ideológico do nazismo, o que evidência, em uma análise axiológica, uma teoria dos valores morais que verteriam sobre a contemporaneidade intolerâncias dadas como políticas de Estado, que em nome da civilização empreenderam a barbárie da eugenia.

Enveredando pela axiologia no discurso bungeano nos defrontamos com uma premissa fundamental e problemática: na busca por definir quem somos o autor pergunta por que não somos como os europeus ou como os americanos do norte.

O auto-exame de Bunge estabeleceu o tripé da alma social hispano-americana na preguiça-tristeza-arrogância tendo como resultado: "o grotesco e sangrento labirinto da política crioula".

No contexto político de sua época, estes argumentos estão engajados com a conservação. Tanto o seu reacionarismo aristocratizante, assim como seu biologismo, serviam de legitimação biológica para os Estados aristocráticos, uma vez que, na sua contrariedade às revoluções, propunha uma cruzada antidemocrática.

Uma historiografia recente tem relacionado o autor às elites preocupadas com o ascenso das massas na jovem Argentina no final do século XIX. A ação proposta por ele deveria garantir a continuidade da ordem

8 Ibid. pp. 284-390.

9 Ibid. p. 285.

conservadora instituída, buscando-se evitar mudanças bruscas, revoluções. Evolução, não revolução, para ele significava um progresso lento pelo esforço contínuo.

O remédio estava nas mãos de homens modestos e conservadores, que trabalhavam e não faziam revolução. Que faziam e não pensavam.

Em seus argumentos, o objetivo no horizonte referido é a perfeição humana, o que valida aqueles que entendeu como "superiores" ao exercício de um mandato eugênico, do qual não deveríamos estar imunes.

Em última análise, não devemos ser anacrônicos frente às catastróficas experiências da primeira metade do século XX, na qual políticas de cunho eugenistas promoveram a hecatombe das guerras e das campanhas militares de limpeza étnica.

Mas datar o autor e relacioná-lo ao seu contexto, fugindo aos anacronismos, deve nos levar a perceber que o espectro político de seu tempo estava em disputa por forças antagônicas, e Bunge se engajou na contenda pelo conservadorismo numa sociedade convulsionada não por uma luta de raças - dado que não importa o tempo, teorias eugênicas estão fadadas ao fracasso explicativo -, mas pela luta de classes.

BIBLIOGRAFIA

BUNGE, Carlos Octavio. *La educación: tratado general de pedagogía*. Buenos Aires: Vaccaro, 1920.

_____. *Nuestra América: Ensayo de Psicología Social*. Madrid: ESPASA CALPE, 1926.

GARCÍA, Germán. *Actualidad de Sarmiento y otros ensayos bibliotecarios*. Bahía Blanca: Editorial Pampa-Mar, 1943.

HAECKEL, Ernst Heinrich. *História da criação dos seres organizados segunda as leis naturais*. Porto: Chardron, 1912.

_____. *Origem do homem*. São Paulo: Global, 1982.

La construcción de la identidad iberoamericana [electronic resource]: textos históricos. Madrid, España: Fundación Histórica Tavera: DIGIBIS, c1999.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo civilización i barbarie en las pampas argentinas*. Paris: Hachette, 1874.

QUESADA, Vicente G. *Historia colonial argentina: Con un estudio biográfico y crítico*. Buenos Aires: "La Cultura argentina", 1915.